ANO 23.º — Número 1174 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 11 de Julho de 1954

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão:
na
ciedade Martins Sarmento
Guimarães
URA
— AVENÇA —

União Vimaranense

A notícia da fundação da União Vimaranense, publicada há tempos neste jornal e o conhecimento dos seus principais objectivos — engrandecimento e progresso do concelho e defesa dos seus interesses, por todos os meios legítimos — causou-me imensa alegria pelo muito que quero a esta terra.

Agrupando meia dúzia de vontades decididas, a União Vimaranense, em organização, alheou-se desde logo, com louvável prudência, de «qualquer partidarismo político ou sectário», coisa que só poderia servir para tolher as suas melhores intenções, dado o critério intolerante como se apreciam e respeitam, por vezes, na confusão dos sentimentos, as crenças alheias...

Pode dizer-se, portanto, que a União Vimaranense, nasceu duma ansiedade, dum desejo sólido que deve ser grato a todos os filhos de Guimarães: o engrandecimento moral e material da sua terra.

E quando se trata de engrandecer a terra — pela elevação do seu grau de cultura, pela solução dos seus problemas mais instantes, pelo conhecimento dos seus interesses fundamentais, pelo estabelecimento duma solidariedade robusta e franca, enfim — o apoio e a colaboração não devem ser negados.

Guimarães tem muitos e importantes problemas a resolver, já velhos na sua vida de cidade, tão orgulhosa de nobres pergaminhos e de honrosas tradições. Mas os pergaminhos e as tradições não chegam para a grandeza da terra — nem uma população numerosa pode abdicar, por eles, de direitos e de necessidades que lhe vão sendo postergados pela incúria dos homens, numa onda de incrível fatalismo!...

Já neste jornal o disse um colaborador, que é um exemplo de tenacidade e de bairrismo: a culpa não é do Governo!

Não, senhores! O Governo, que tem, realmente, uma obra grandiosa em muitos aspectos, através do País, nunca fecha as portas a quem sabe servir os interesses das terras que, afinal, são os da Nação.

Há gente que despreza, de maneira inacreditável, a noção de graves responsabilidades e infantilmente não atende ao valor da opinião pública, no seu modo de julgar — essa opinião que Chateaubriand tinha em boa conta e que ajuda a fazer a história vibrante do amanhã na vida de qualquer terra.

O homem, ao ocupar um lugar de comando, seja ele qual for, mas de que dependam problemas cuja solução se liga aos destinos de um povo, tem de se convencer que assume responsabilidade de importância não apenas perante os valores hierárquicos que o chamaram confiantes nos seus predicados, mas, sobretudo, perante a comunidade, que tem os seus direitos — e o direito de julgar e ter opiniões...

Esse homem deve de ter o culto do sacrifício e pôr de parte as vaidades e os interesses inconfessáveis e o orgulho intolerante e pessoal que, muitas vezes, os altos cargos inspiram.

Desgraçadas as terras quando a vaidade, o orgulho e a inépcia dominam certos homens!...

Pretendo abster-me, porém, de divagar no aspecto sombrio de certas coisas locais, para saudar, com entusiasmo, a União Vimaranense, com encómios para o seu programa.

E' uma sacudidela forte nos que cultivam o marasmo das ideias e das forças humanas e espirituais e um vigoroso alerta que chamará à realidade duma vida sem sofismas e sem subtilezas malígnas, muitos que julgam o destino de uma terra por certas leis de Maomet.

A União Vimaranense, «para atingir a sua finalidade, promoverá reuniões entre os associados e suas famílias, saraus, conferências e palestras de interesse concelhio, passeios, visitas a museus e monumentos e instalará salas de leitura e jogos para os seus sócios, tudo de modo a estabelecer, pela confraternização e solidariedade dos vimaranenses, uma força que inspire, apoie e anime as iniciativas da administração municipal, sugerindo programas e projectos de utilidade para o bem de Guimarães».

Creio condensar-se nestas palavras dos seus Estatutos, a transcendência dos nobres objectivos que animam a Instituição.

JOÃO DE GUIMARÃES.

A GREGA MARCADA...

Por ISAURA CORREIA DOS SANTOS.

Vi-a há uns meses num hospital de Genebra. Alta, esbelta, fisionomia simpática e revestida de uma tristeza impressionante. O marido, por amor do qual estivera anos num campo de concentração, dos piores, se não o pior, por amor do qual, enfim, sofrera afrontas, chicotadas, torturas de endoidecer, estava gravemente doente e aos cuidados de um especialista suiço.

Numa certa tardinha, os meus olhos pousaram num número que lhe haviam marcado a ferro e fogo num braço. Logo, a senhora grega sorriu tristemente e explicou qual a causa daquela marca. Numa voz sacudida por um vendaval interior, contou-me a sua história, para que dela falasse às portuguesas, que jamais poderiam fazer a mais leve ideia do que fôra o inferno da guerra para muitas mulheres desse mundo além...

O marido fôra das forças de resistência. Teve que fugir, teve que se esconder, sem contudo deixar de trabalhar na sombra. Só ela conhecia o seu esconderijo. Prenderam-na, após terem tirado a vida a um filho que idolatrava. Os sogros, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, perfazendo aproximadamente quarenta pessoas, haviam sido também arrastadas para uma prisão, massacradas, e finalmente fusiladas. A vida dela, porém, era poupada — sempre na esperança de que, esmagada pelo sofrimento, se decidisse denunciar o marido. Tal como uma coisa morta e inútil que servisse de entretenimento, foi arremessada numa sala, de canto para canto, impelida pelos pés de cinco oficiais! Sofreu, até ranger os dentes, até morder a língua, mas não proferiu a menor palavra que lhes pudesse dar luz quanto ao marido. Não dera resultado, portanto, essa tortura. Outra experimentaram. Foi chicoteada. Primeiro com um chicote de couro, de várias caudas, depois com igual instrumento, mas de metal. Entretanto, havia um rádio a transmitir determinadas marchas, ao ritmo das quais o chicote girava...

Deu resultado, tão horrível tortura? Também não. O propósito daquela pobre mulher e admirável esposa, de jamais relatar qualquer facto que pudesse afectar o marido, era inabalável.

Teria exagerado os seus racontos, a senhora grega em questão? Não o creio. Vi claramente as marcas das chicotadas, ainda bem ao vivo, nas coxas. E se assim estavam em 1953, como teriam estado naqueles dias do pleno inferno?! Sangraram, sim, como sangrou todo o seu corpo, desde a cabeça até às plantas dos pés — que eram um dos objectivos favoritos dos chicotes...

Coisas lhe fizeram impossíveis de contar — afiançou-me nervosamente, e calou-se por uns segundos como se para engolir lágrimas. Depois voltou a desfiar a sua terrível odisseia. Marcaram-lhe aquele número num braço — que seria o seu nome! — e levaram-na para um dos famosos campos que envergonharam este século. Ali via morrer prisioneiros e mais prisioneiros. Caíam sem cessar — esqueletos, já embotados, já indiferentes. Assim se tornou, esquelética, embotada, indiferente... Mas revelar o seu segredo... nunca!

Em que dia estavam da se-

Continua na 2.ª página.

A sinceridade do sufrágio

Depois de exposto que a democracia se fundamenta essencialmente no sufrágio, universal ou com o mínimo de restrições que se imaginam adequadas para a sua depuração, há que considerar os meios que se têm aconselhado ou adoptado para garantir ou atingir a sinceridade do apuramento da vontade da nação, expressa através da variedade, que pode ser grande, das opiniões em curso, e que convém sejam respeitadas e doseadas de modo a obter-se uma representação nacional que seja o espelho fiel da consciência colectiva.

Influi gravemente na averiguação do verdadeiro sentir do país a forma como os cidadãos são agrupados para a formação dos colégios eleitorais. E, daí, os diferentes critérios que têm surgido a tal respeito.

Na Inglaterra seguiu-se um critério exclusivamente histórico, pelo qual os eleitores formaram, segundo as necessidades ou conveniências nacionais, colégios de condado, de cidade e de burgo.

Deste sistema resultava haver pequenos aglomerados populacionais com direito de representação maior do que a de outros grandes centros de população numerosa, de representação nula ou deficiente.

Desde 1832, a constituição desses colégios tem vindo a modificar-se de modo a estabelecer-se uma divisão do eleitorado em colégios quase iguais.

O critério histórico na Inglaterra compreendia-se pela forma como orgânicamente o sistema representativo ali tinha surgido e evolucionado. Nos países em que o elemento histórico não existe e se limitaram a adoptar o sistema inglês, houve que recorrer aos chamados critérios mecânicos, que tomaram por base da divisão eleitoral o território, a população e os impostos; destes critérios, o da população é o que tem predominado, embora em combinação com o agregado administrativo, de forma a obter-se a igualização das maiores circunscrições a grupos das mais pequenas.

Em íntima conexão com a base dos agrupamentos está a sua extensão, e esta depende, essencialmente, da circunstância do sufrágio ser uninominal ou de se realizar por escrutínio de lista.

No sufrágio uninominal o eleitor vota num só nome e assim a extensão do agrupamento, círculo como lhe chamamos em Portugal, tem de ser diminuta; no escrutínio por lista cada eleitor vota em vários nomes e, quanto maior for o seu número, maior círculo eleitoral lhes deve corresponder.

Argumentam os defensores do escrutínio de lista que por esta forma se consegue libertar mais fàcilmente o eleitor dos interesses mesquinhos de campanário e de corrupções e pressões mais fáceis de se exercer em círculos pequenos do que nos grandes; além de que a escolha dos candidatos será menos influenciada pelas paixões particulares, podendo preponderar nela, de preferência, o interesse das grandes correntes políticas pela prosperidade do país.

Contrapõem os adeptos do sufrágio uninominal que o escrutínio de lista torna as votações exclusivamente partidárias porque, não sendo provável que os eleitores conheçam todos os candidatos de um círculo extenso, se limitam a receber as listas dos centros políticos que as elaboram, com manifesto prejuízo da sinceridade do voto. E acrescentava o Prof. Marnoco, no seu Comentário à Constituição de 1911, que «o escrutínio de lista não se presta muitas vezes ao triunfo do mérito, porquanto o mérito modesto é esmagado pela petulância e ousadia dos intrigantes»; e, mais adiante, que «a prática veio demonstrar que o escrutínio de lista não leva ao parlamento os homens mais notáveis de um país», além de

Continua na 2.ª página.

A verdadeira educação

VI

Rousseau, na sua tese naturalista, diz que a natureza é a mãe da educação e abdica ou anula até quase em absoluto o papel da mãe na formação de seus filhos. *Ele pretende criar a educação*, di-no-lo magistralmente Agostinho de Campos, *sem haver criado o educador.*

Por isso, as suas teorias, o seu sistema educacional, baseado no direito natural, no individualismo, na brusca ruptura com a tradição, em especial em matéria religiosa, são utopias.

O *Emílio* é um livro de sonhos e o seu autor, grande e nobre, mas, por falta de toda a formação familiar, um homem interiormente insatisfeito, rebelde e revolucionário.

Rousseau dá ao *Emílio* uma educação errada, sem a luz, os princípios religiosos, sem a ternura, o amparo de uma mãe. E' que, pràticamente, Rousseau nunca a teve. Perdeu-a em pequenino. Ligou-se depois a uma mulher sem princípios, tendo dela vários filhos, mas os quais abandonou também.

Por isso, disseramos que o seu *Emílio* enferma, aliás como o seu autor, da falta duma verdadeira formação familiar.

Não negamos a influência dessa obra, dos mais completos tratados de educação que se conhecem, certo é, dos mais penetrados de ideal, de lirismo e de sentimento, mas que não passa de «fantasias de um visionário», como depois reconsiderou o pensador genebrino.

O grande Pestalozzi considera igualmente o sistema educativo rousseauneano como um sonho e uma utopia, porque inviável, na prática.

Ora educar, segundo a etimologia, a exacta acepção do termo, é guiar e conduzir para o bem e para a verdade; por isso, qualquer sistema educativo que se não funda, se não radique na moral religiosa, que não tenha a Luz que ilu-

Festas da Cidade

Foi-nos comunicado que está estabelecido o cartaz da Corrida de Touros, que, como número atractivo das Festas da Cidade, se realiza na segunda-feira, dia 2 de Agosto. Os cavaleiros são os reputados João Branco Núncio e Simão da Veiga Júnior e os matadores os já conhecidos António dos Santos e o novo ídolo português Francisco Mendes. O Grupo de Forcados será o dos amadores de Vila Franca de Xira e os touros têm o ferro da ganaderia Palha Blanco.

Estão definitivamente assentes as ornamentações das várias ruas e largos da cidade, que devem ser de um efeito surpreendente. Estão encarregados das mesmas os conhecidos ornamentistas Bernardo Barreira, de Guimarães, Constantino Lira, de Felgueiras e Manuel Pereira da Silva, de Lamego.

Procura-se reintegrar o arraial da noite de sábado, no Campo da Feira, totalmente dentro das características minhotas.

Para isso, as decorações serão típicamente regionais, sendo colocados à entrada das Feiras dois arcos alçados de grande altura e, aproveitando a beleza natural das árvores existentes no Largo, a decoração deve vir a constituir o mais belo efeito.

A Igreja dos Santos Passos será decorada com milhares de lâmpadas de cores variadas, que deverá oferecer um belíssimo aspecto, estando este trabalho a cargo do sr. Manuel Pereira da Silva, de Lamego.

Na solenidade religiosa, do dia 1, prègará o rev. Frei Joaquim Gomes da Costa Peixoto, da Ordem Franciscana, de Coimbra, devendo ser

DEMOCRATAS ARISTOCRATAS

M. é a inicial primária de um nome. Surge por vezes aqui no jornal a firmar artigos substanciais. E', em forma pura e simples, um nome abreviado. Não se trata de um pseudónimo disfarce. Todos sabemos quem é o articulista M. Só por isso tenho o jornalista confrade em boa conta.

Admiro nele a firmeza das suas convicções, que são as minhas. Bebemos o mesmo leite político, na juventude.

E'-me grato conversar com quem se apresenta sem viseira, lealmente.

O assunto, ou antes, a tese está posta: — Democracia.

Pois ainda há quem discuta princípios, doutrinas, sistemas?

O meu artigo — *Lutemos pela causa do povo!*, foi lido pelo articulista M. Congratulo-me.

Discorda deste meu ponto de vista:

«*Há democratas, aristocratas. E, inversamente, há aristocratas, democratas*».

Com efeito, no rigor da doutrina política, ser democrata, é ser pelo sufrágio popular. E' o governo do povo pelo povo. No caso contrário, ser aristocrata, é ser pelo rei.

Antagonismo, portanto. Um aristocrata, no parecer do articulista M., não pode ser um democrata. Está-lhe isso vedado pelo sistema político que é inerente à sua qualidade de aristocrata.

Isto, posto assim, apresenta-se lògicamente certo. Cingindo-nos aos princípios, não podemos deixar de estar com o articulista M.

Pois nem por isso eu deixo de pôr e defender a tese:

Um aristocrata, menos hirto, menos intangível, mais raciocinado, mais do nosso tempo, — pode ser um democrata!

Deixa nesse momento psicológico de pertencer à sua casta, ao seu privilégio, ao seu escol? Arrenegou da autocracia estadoal? Depôs a linha hierárquica? Saiu fora do enquadramento nobiliárquico?

Na realidade renunciou, quanto ao ideário político que está adstrito à Aristocracia.

Pode todavia, *no seu pendor aristocrático*, ser um democrata.

Como fazer essa conciliação?

Amando a causa do povo, lutando de braço dado com ele, propugnando pelas suas aspirações e anseios de redenção!

Pode ser?

No «rigor técnico» das expressões políticas, quem é pela Aristocracia, não é pela Democracia. Sabe-se!

Se eu quisesse sustentar uma tal simbiose, sustentava um disparate. Mas não é esse o meu caso, quando digo: há aristocratas-democratas.

Na realidade os há. A História oferece-nos bons exemplos desses nobres espíritos. Quebram o espartilho da sua condição social, vêm para a causa do povo, de coração aberto, batendo-se.

E' ver: Fernando de Quental, brasonado membro da aristocracia, foi um precursor do constitucionalismo liberal. Dele conta a história, que este brasonado mandou picar o brasão da sua casa. Com este exemplo quis patentear que renunciava à sua aristocracia? Na realidade apenas trocou o sistema, a prática, a fórmula política que é inerente à Aristocracia, para adoptar, aceitar a Democracia, que é a antítese daquela.

A aristocracia ficou nele como um atributo de elegância moral. Na sua nova investidura democrá-

Continua na 3.ª página

O MEU SAMPAIO

Como é que se envelhece tão depressa?...
(E fico-me de pasmo ensimesmado...)
Como cai sobre o peito uma cabeça
De porte donairoso e aprumado?...

Como é que a bruma fria, densa, espessa,
Ofusca de repente um sol doirado?...
Por que é que o fim nos vem quando começa
O princípio do todo desejado?...

.....

A dois anos a vista alongo, espraio,
— Dois anos que não via o meu Sampaio,
Que não sentia nalma os seus afectos...

O que ele envelheceu!... Curvado, agora,
Só tem esta alegria: a luz da aurora
Que vê a refulgir nos lindos netos.

Junho de 1954.

DELFIM DE GUIMARÃES.

TRABALHOS ESCOLARES

Uma exposição — como a própria palavra o indica — constitui uma exibição pública a que se pretende dar o devido realce, seja qual for o objectivo em vista. Não se trata, por isso, de qualquer inovação dentro dos limites da vida social, mas, pelo contrário, trata-se de um uso velho e revelho na vida dos povos. Por hoje, queremo-nos referir a uma Exposição de trabalhos escolares na Escola Industrial e Comercial desta terra, através da qual os visitantes poderão conhecer e compreender a valorização do ensino ali ministrado nos diferentes cursos e nas respectivas Oficinas, assim como igualmente poderão verificar, pelos trabalhos expostos, o grau de aperfeiçoamento progressivo dos alunos a quem os mesmos trabalhos dizem respeito e relacionados, portanto, com os seus méritos e também com a sua idade, sobretudo no que se refere ao Ciclo Preparatório, frequentado por alunos de menos de 13 anos e alguns dos quais apresentam trabalhos caracterizados por uma revelação nítida da sua juvenil sensibilidade criadora, evoluindo em cadência cada vez mais ordenada e mais aperfeiçoada. Outrotanto se poderá constatar nos trabalhos da Oficina de Tecelagem, ligada às aulas práticas do Desenho e do Debuxo, nas da Oficina de de Costura e Bordados, Oficinas de Serralharia, etc.

Além dos mencionados, outros trabalhos se encontram expostos e uns e outros dizem respeito ao aproveitamento escolar no último ano lectivo. Embora se diga — com justificadíssima razão — que a Escola Técnica de Guimarães não se encontra no nível que por direito e por justiça lhe compete, a verdade é que a deficiência da organização dos seus Cursos apenas representa uma lacuna que deve desaparecer, mas não invalida os resultados colhidos do seu actual funcionamento, conforme o patenteia a Exposição em referência.

No entanto, como são legítimos os anseios dos vimaranenses que pretendem mais e melhor nesse sector da instrução profissional, justo será que sejam atendidos nessa aspiração de possuirem uma Escola Técnica tão completa quanto possível.

De resto e ainda sobre a Exposição dos trabalhos escolares patentes ao público até ao dia 20 — temos conhecimento de que, em anos anteriores, tem sido muito reduzido o número de pessoas a interessar-se pela demonstração das actividades escolares daquela natureza, facto que só poderá ser classificado de lamentável, especialmente por não corresponder ao bairrismo que alguns tanto apregoam mas que, espremido, não deita sumo que possa alimentar a esperança de melhores dias. Ora, como há quem *não creia sem ver*, nós aconselhamos a *ver para crer*...

A. B. C.

---

imponente a Procissão de S. Gualter, que no mesmo dia se realiza.

Os fogos de artifício, que serão queimados durante as três noites das Festas, estão a ser tratados junto dos melhores pirotécnicos, de modo a que o seu aspecto resulte deslumbrante.

Dado os pedidos de alojamento se verificar serem em número considerável, continua a Comissão a deligenciar que todas as casas particulares, com alojamentos disponíveis, os ponham à disposição dos forasteiros, para, assim, permitir a vinda de todos aqueles para quem o nome das Gualterianas são uma atracção.

No Campo da Feira já se estão a montar algumas diversões, de modo que este local comece a ser a atracção de todas as noites para a população da cidade e arrabaldes.

As Comissões de Meios estão a intensificar a subscrição pública, que, dado o pouco tempo em que tomou o encargo da realização da mesma, sòmente com a boa vontade e bairrismo indesmentível dos Vimaranenses, pode resultar eficiente.

A Comissão apela desde já para a população da cidade para que, colaborando no brilhantismo das Festas, enfeite e embandeire as fachadas dos prédios, de modo a que a nossa Terra mostre o aspecto festivo que todos desejam.

Também a Comissão já se dirigiu às Gerências dos melhores hotéis das Caldas de Vizela e Taipas para estarem preparados a receber o maior número de turistas, pois que, atendendo à curta distância que as separa desta cidade (cerca de 7 km.), é de presumir também que esses hotéis passem a lutar com dificuldades para atender os inúmeros pedidos de alojamentos que já se notam.

---

mina e esclarece o espírito, toda a grandeza que arrebata a alma, é teoria educacional que falseia e os seus alicerces, movediços e frágeis como a areia ruem e desmoronam-se.

A ineficácia da escola laica ou escola neutra é uma verdade por de mais axiomática que não requer, pois, grandes comentários. Todo o ensino, toda a educação deve ter por alma a religião, deve beber na Luz do Evangelho, fonte candente e luminosa, facho perene de toda a Luz.

No *Manual da Instrução e Educação Laica*, de Monteil, escrito há pouco mais de três décadas, lemos o seguinte:

Qu'est-ce que Dieu? — On n'en sait rien. Quem é Deus? Ouçamos-o disparate da resposta: Sobre isso, nada sei. Dispenso-me, pois, de mais comentários sobre a pretensa moral laica.

*

Toda a educação, para ser sólida, tem de ser eminentemente nacional, como asseverára Garrett, conforme a ética do País, os seus costumes, a sua alta missão civilizadora, o seu passado grandíloquo, enfim.

Mas, a tão citada frase do criador, dum dos precursores do nosso Romantismo (e Garrett foi também Pedagogo) é já hoje verdadeiro lugar comum. Responderia, então, que na afirmação, no juízo garretteano, há um profundo conceito pedagógico e educativo, uma verdade que nunca é demais repetir, porque alicerce, pilar, viga mestra e sólido fundamento da verdadeira educação.

Nenhuma educação será sólida, se não for eminentemente nacional — e eu creio que estas palavras encerram muito mais de profundo e valioso que muitos tratados, cartilhas ou sistemas educacionais.

Educação nacional, isto é, consentânea com a tradição no que esta tem de mais elevado e de mais nobre.

E terminemos, por hoje, com estas judiciosas palavras, de verdadeira orientação na *batalha educativa* em que nos empenhamos, palavras do Senhor Subsecretário do Estado da Educação e de largo alcance educativo:

...«Dê-se à escola primária, como de resto a todos os estabelecimentos de ensino, um sentido formador, que levando a criança à plenitude das suas funções, a integre na nossa concepção cristã da vida e do homem»!

S. Torcato, 29-6-54.

PROF. J. MARTINS LIMA.

"Em defesa do Povo,,

O nosso prezado colega *Comércio da Póvoa de Varzim* transcreveu, em seu último número, o artigo «*Em defesa do Povo*», que publicámos, da autoria do nosso ilustre colaborador sr. A. L. de Carvalho.

Agradecemos.

A Romaria Grande de S. TORCATO

No decorrer da tradicional Romaria Grande de S. Torcato, realizada no local do mesmo nome, a poucos quilómetros desta cidade, onde se ergue sumptuoso Santuário em que se guarda o corpo do milagroso Santo, realizaram-se no domingo imponentes solenidades religiosas e houve à noite a representação de um Auto, propositadamente escrito pelo poeta Francisco Ventura, de Lisboa.

Durante o dia, desde manhã cedo, afluiram a S. Torcato, utilizando diversos meios de transporte, muitos milhares de pessoas, vindas de diferentes pontos do País. E durante todo o dia a romagem dos romeiros, desfilando ante a urna que guarda o corpo do Santo, foi deveras emocionante.

De manhã saiu desta cidade, do templo de Nossa Senhora da Oliveira, presidida pelo rev. monsenhor António de Castro Moutá Reis, em representação do Prelado da Diocese, uma concorrida peregrinação, em que tomaram parte várias freguesias, irmandades, confrarias, colégios, asilos, e sendo nela conduzida em vistoso andor uma linda imagem de Nossa Senhora de Fátima para o templo de S. Torcato.

Algumas pessoas de representação e o juíz da Irmandade de S. Torcato, sr. Conselheiro dr. Raúl Alves da Cunha, tomaram parte no préstito, que foi abrilhantado por uma banda de música, tendo feito a guarda de honra os Bombeiros Voluntários.

À chegada a S. Torcato, houve missa campal e alocução. À tarde realizou-se a Procissão de S. Torcato, que foi presenciada por grande número de forasteiros e, à noite, a par do arraial com fogo e música e iluminação, fez-se, em recinto próprio, na frente do Santuário, sobre um enorme estrado, a representação do Auto de S. Torcato, participando no desempenho mais de uma centena de figurantes.

Em apoteose final exibiram-se os carros triunfais, que em anos anteriores costumavam figurar na procissão, assim terminando, já tarde da noite, a festa anual em honra do orago da região.

A frontaria do magestoso templo, com suas elegantes torres, esteve iluminada com potentes focos eléctricos, produzindo um belo efeito.

Houve durante o dia e a noite grande movimento nas estradas que conduzem a S. Torcato.

A GREGA MARCADA...

Continuação da 1.ª página

mana, do mês, do ano? Não o sabiam. Perdiam a noção do tempo e das coisas. Perdiam a noção da sua própria existência.

Num certo dia, apareceu-lhe um exército pela frente. Era uma força inglesa, uma força de libertação. A guerra havia terminado.

Lavrou grande alegria no campo? — perguntei. A grega encolheu os ombros e voltou a afirmar-me que todos aqueles indivíduos estavam animalizados, sem raciocínio, sem vibrações. Olhar parado, emudecidos, movimentos tolhidos por várias razões, eram uns farrapos indiferentes aos acontecimentos do orbe.

A cambalear, a prisioneira em questão entrou num carro que a levou para um hospital de Atenas. Ali foi visitada pelo marido — e a vida, a noção do bem e do mal, a noção do feio e do belo, começaram então a insuflar-se, de novo, no seu espírito. Agora queria viver, agora queria curar-se e ser feliz. Mas o seu físico, que tão maltratado fôra, recusava ceder aos mil e um cuidados, aos mil e um tratamentos, que lhe dispensavam. Foi levada para um hospital de Paris — e só uns dezoito meses depois a deram como restabelecida, aparte as lesões cardíacas, que jamais teriam conserto. Regressou à sua pátria. Com o marido, procurou esquecer o ordálio que tanto lhes esmagara a vida. Sim, agora era necessário esquecer, viver, folgar!

Mas... o infortúnio pouco tempo deu à alegria naquele lar de Atenas tão duramente castigado. O marido da mártir em foco, adoeceu gravemente. Na altura em que aquele número marcado a ferro e fogo me dera o desfiar da história que hoje preenche este cantinho, já lhe haviam extraído um rim. O outro estava afectado também...

Poucas esperanças havia de vida! Deixei génebra — trazendo comigo a lembrança daquele casal que jamais esquecerei, como um símbolo de várias facetas que vale a pena observar e estudar.

Isaura Correia dos Santos.

A sinceridade do sufrágio

Continuação da 1.ª página

que «tem também o inconveniente de desinteressar os eleitores do exercício do seu direito, não lhes deixando ver claramente a influência que o seu voto pode ter no resultado da eleição».

Todavia, em regime democrático, o escrutínio de lista tem tido a preferência por ser o que permite a representação proporcional. E esta condição é imprescindível para a democracia porque, sem ela, seja qual for a forma do escrutínio, a ditadura das maiorias é inevitável, visto que, em qualquer círculo eleitoral, basta apenas a diferença de um voto entre a maioria e a minoria para que esta fique abafada.

Em democracia, a representação tem de ser a imagem fiel do conjunto social e tal não será possível conseguir-se, dizem os democratas, sem que se garanta às minorias a sua presença nas assembleias governativas. Estas devem constituir uma simples redução do corpo eleitoral e para tanto é indispensável que a eleição satisfaça à lei da proporcionalidade e não à da maioria.

Para resolver as dificuldades da aplicação do princípio da proporcionalidade têm sido propostos vários sistemas, uns empíricos outros orgânicos. Nos primeiros a representação dada às minorias é prèviamente fixada por lei; nos orgânicos, a proporcionalidade provém da eleição e é mais ou menos aproximada.

São sistemas empíricos o voto limitado, o voto cumulativo, a pluralidade simples e a cumulação de votos.

Voto limitado é o do sistema em que a cada eleitor é atribuido um número de votos inferior ao dos representantes a eleger, constituindo a diferença a representação concedida à minoria. A proporção é estabelecida arbitràriamente e, se o partido da maioria dispuser de muitos votos, pode, com um desdobramento de lista, absorver a representação da minoria.

No voto cumulativo, o eleitor dispõe de tantos votos quantos os candidatos, podendo votar em todos ou num só. Desta forma a minoria, concentrando os seus votos num número menor de candidatos, pode fazer eleger alguns. Tem vários inconvenientes e é de difícil aplicação.

No sistema de pluralidade simples, o Estado constitui um só colégio eleitoral e os eleitores, em lugar de votarem em todos os candidatos, votam num só. Tem graves inconvenientes também, que a necessidade de abreviar esta exposição nos não permite indicar, bastando dizer que dele pode resultar as minorias ficarem representadas em proporção maior do que as maiorias.

No sistema de acumulação de votos, os candidatos da minoria, em número antecipadamente fixado, acumulam os votos obtidos nos vários colégios eleitorais em que foram derrotados e consideram-se eleitos desde que atinjam uma determinada soma de votos. Igualmente são notados neste sistema muitos e graves defeitos.

Quanto aos sistemas orgânicos, há a considerar como principais, o do quociente, o do voto graduado, o dos acréscimos e o das listas concorrentes.

No sistema do quociente, o Estado forma um só colégio e o eleitor pode votar em tantos candidatos quantos queira, devendo escrever os seus nomes na lista pela ordem da preferência. Terminada a eleição, soma-se o número dos votantes e divide-se o total pelo número de representantes a eleger, obtendo-se assim um quociente, donde deriva o nome do sistema. Procede-se a seguir ao apuramento, tendo-se em vista que cada lista vale só por um candidato, que é o que tem o seu nome escrito em primeiro lugar. Quando esse candidato atinge o quociente, considera-se eleito, não se contando mais os votos que lhe sejam dados nas outras listas; daí por diante, nas listas que têm o seu nome em primeiro lugar conta-se o voto para o inscrito em segundo lugar e, se este for também eleito, passam em seguida a contar-se os votos do inscrito em terceiro lugar e assim sucessivamente. Este sistema realiza, em abstrato, o objectivo da proporção exacta de cada grupo em que se dividir o corpo eleitoral, mas é muito complicado e presta-se a fraudes difíceis de serem impedidas.

O sistema do voto graduado baseia-se numa progressão aritmética; o eleitor escreve na lista vários nomes e atribui-se ao primeiro inscrito um voto, ao segundo, meio voto, ao terceiro, o terço de um voto e assim por diante; na prática este sistema não atinge os resultados para que, em teoria, foi imaginado.

No sistema dos acréscimos, o grupo vencedor obtem a totalidade dos lugares de deputados. Divide-se o número dos votos que alcançou pelo número dos deputados eleitos; obtem-se um quociente e atribui-se aos grupos das minorias um número de representantes igual ao de vezes que esse quociente se contiver no número total dos votos respectivamente obtidos. Além de outros tem o grave inconveniente de ser variável o número dos eleitos.

O sistema das listas concorrentes é muito complicado e nem vale a pena descrevê-lo, tão fastidiosa vai sendo já esta longa exposição. Todavia há nele uma modalidade interessante, devida a Hondt e que foi adoptada na Bélgica: os votos de cada lista são divididos por 1, 2, 3, 4, 5, etc. e dispõem-se os quocientes segundo a ordem da sua importância, até à concorrência de um número total de quocientes igual ao dos deputados a eleger. O último quociente serve de divisor eleitoral. A cada lista são atribuidos tantos representantes quantas vezes o seu número de votos compreender esse divisor. Tem também, como todos afinal, grandes defeitos.

Reconhecemos havermo-nos excedido na enumeração enfadonha de tantos sistemas, mais ou menos engenhosos, com que se tem procurado resolver o problema da sinceridade da representação nacional, elemento estrutural da verdadeira democracia. E, todavia, ainda nos faltou dizer alguma coisa acerca de uma das bases mais preconizadas do sufrágio e que é a da representação dos interesses sociais. Por esta, o eleitor é considerado como elemento de uma função social e o corpo representativo reflecte não só todos os interesses sociais como também as funções dos diversos agregados do país. Ficará a sua explanação para uma outra oportunidade.

O que deixamos referido basta para difinir a democracia, pondo em evidência tantos esforços dispendidos na solução difícil do problema de se conseguir uma representação nacional que reuna, conjugando-as, todas as opiniões, na proporção exacta da sua extensão relativa, aspiração suprema dos democratas históricos.

M.

TUBOS GALVANIZADOS!...

Unicos importadores no Concelho: 500

A Competidora de Representações, L.da

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES

FESTEJOS ao S. Cristóvão

Promovidos pelos motoristas do Concelho, realizam-se nos dias 24 e 25 do corrente, na Penha, na forma dos anos anteriores, os festejos ao S. Cristóvão, com o seguinte programa:

Dia 24 — A's 8 horas e ao meio-dia, salvas de fogo anunciarão as festas; às 21 horas, Jantar de Confraternização dos Motoristas na Pensão da Montanha; à noite, deslumbrante iluminação e arraial na Montanha; às 23 horas, lindíssimo fogo de artifício por bons pirotécnicos.

Dia 25 — A's 8 horas, a festa será anunciada com prolongadas salvas de fogo, enquanto os sinos repicarão festivamente; às 11 horas, Missa Solene, a vozes e órgão, na Capela de S. Cristóvão, finda a qual se procederá à Bênção dos Carros.

Durante a tarde e a noite, na alameda da Penha, haverá arraial com diversos divertimentos.

ARRAIAL MINHOTO

Abrilhantado por uma excelente orquestra de Viana do Castelo, realizou-se ontem na esplanada de festas da Piscina de Turismo, das Taipas, um Arraial Minhoto, que ali reuniu famílias da melhor sociedade e decorreu com extraordinária animação, tendo constituído uma linda festa.

Felicitando os seus promotores, agradecemos o convite que nos foi feito.

Assinai o Notícias de Guimarães

Cantinho de... graça

O "FISGA,,

Chapéu largo — às três pancadas, já sem forma — esburacado, isento de cor — cara rugosa, olhitos pequenos, boca larga — com uns dentes muito saídos. Fralda de fora, calças à Cantinflas — descalço — o «Fisga» corria de manhã à noite toda a vila.

Tinha uma voz fina e era um tanto ou quanto gago. Maroto — atirava beijos às moças que passavam e tinha a sua plada.

Uma vez parou à porta do padeiro e de mãos atrás das costas já ali se quedava naquela posição há um ror de tempo. O padeiro olhava-o e já estava a embirrar daquela permanência; e num tom entre o aborrecido e irado, perguntou-lhe:

— Que há? queres alguma coisa?

O «Fisga» olha para ele, faz uma facécia e returquiu:

— Era uma coisa!

— Diz lá — disse o padeiro.

— O... o... olhe te-tem-pa... pa... pão sê... sêco?

— Tenho — responde o padeiro.

Então o «Fisga», já em posição de fugir, diz-lhe quase sem gaguejar:

— E'... be... bem feito — vendesse-o ontem.

O «Fisga» tem um defeito. E' ladrãosito de capoeiras ou fruta. Uma noite de grande trovoada achava-se ele na propriedade do Dr. Bento. Os trovões e as faíscas eram sucessivos e o «Faisca» lá estava em cima da latada com um saco. Só quando o relâmpago iluminava a ramada é que ele via os cachos e então baixinho dizia:

— O... o... oxa... lá... lam... lampeje.

Vinha o relâmpago, ele mirava e zás — cacho fora — saco.

— O... o... oxa... lá... lampeje — volvia ele, continuando aquela vindima furtiva.

Calhou do Dr. Bento vir fechar uma das janelas sobranceira à ramada e à luz do relâmpago viu as manobras do «Fisga».

— Olá, maroto — disse de si para si — espera. Já te arranjo.

Deitou a mão a um marmeleirito que tinha no canto da sala e pé-ante-pé acercou-se do «Fisga», que lá em cima continuava a rogar:

— O... o... oxa... lá... lam... lampeje.

Risca o espaço a faísca — vem o relâmpago e Dr. Bento acenta uma marmeleirada no costado do «Fisga».

Este desiquilibra-se. Cai e já no chão, aflito, exclama:

— Ca... ca... caram... caramba... c'agora... fo... foi.. rá... raio!

Aijâ Zus!

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

na Escola I. e Comercial

Num dos salões do edifício da Escola Industrial e Comercial, encontra-se patente ao público uma interessante Exposição de Trabalhos realizados no ano lectivo que findou.

A Direcção deste estabelecimento de ensino oficial não se tem poupado a esforços para que o mesmo seja dotado com os cursos indispensáveis a uma completa formação profissional dos alunos, à altura de bem se desempenharem, no futuro, das suas actividades industriais e comerciais.

A Escola Técnica da nossa cidade demonstra já, de maneira insofismável, através da Exposição realizada e não obstante a falta dos cursos correspondentes, a sua notável colaboração no desenvolvimento deste grau de ensino, sendo para realçar, por digno de louvores, o esforço do seu corpo docente.

Atendendo à categoria do nosso concelho e às suas prementes necessidades no campo do ensino industrial e comercial, é de esperar que o importante estabelecimento seja dotado, já no próximo ano, com os cursos necessários.

A Exposição agora realizada é digna de visita. O número e a variedade dos trabalhos expostos são uma demonstração expressiva duma actividade que é fundamental no aperfeiçoamento técnico das futuras classes.

Nos trabalhos manuais, feitos no barro, no cartão, na madeira, etc., assim como no tecido, no desenho vário, objectivo e subjectivo, verifica-se a revelação de faculdades apreciáveis que mister se torna desenvolver.

Felicitamos a Direcção da Escola Industrial e Comercial pela sua iniciativa e fazemos votos pela realização das suas justas aspirações, a bem da nossa terra.

A restauração do Paço dos Duques de Bragança

Segundo diploma publicado na folha oficial, vai a concurso, por 839 contos, a empreitada de conservação do Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães, monumento nacional há anos inteiramente restaurado em toda a sua imponência e grandeza.

DEMOCRATAS ARISTOCRATAS

Continuação da 1.ª página

tica, não se perdeu esse atributo, antes se realçou mais ainda.

Tanto vale a Democracia nas suas manifestações de política social.

O alto exemplo cívico deste Nobre, afirmou-se mais pujantemente em seu filho — Antero de Quental. Herdeiro este Poeta metafísico do ramo aristocrático, nele vincou fundo a Democracia. A heráldica de família não embargou o excelso Poeta de ser um timoneiro da causa popular, — naquilo que ela tem de mais transcendente nos domínios da Inteligência.

Promovendo com uma pleiade superior as *Conferências Democráticas do Casino*, traçou um programa sociológico à geração nova.

Antero foi um construtor de quimeras... democráticas no mundo astral da Fantasia.

O grande céu, o céu da Humanidade,
Onde os povos serão constelações.
E destilando a luz da liberdade
Serão astros e estrelas as nações!

Que dizer do Visconde Almeida Garrett, oriundo de pura cepa aristocrática?

Pelo talento, o mais requintado, pela arte, a mais sublimada, pela acção política, a mais liberal, foi um autêntico aristocrata-democrata.

Escreveu Garrett, falando do seu tempo:

— «*Este é um século democrático. Tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os príncipes deixaram de ser, nem podem ser Augustos* (1)...»

Foi este aristocrata-democrata, soldado armado e combatente da Revolução.

Volvamos nosso pensamento para a nobilíssima figura de Manuel de Arriaga. A sua ascendência aristocrática afirmou-se nele em carácter, em dignidade cívica, em ardor patriótico.

Sua obra *Harmonias Sociais*, dá-nos a faceta do seu talento todo devotado à causa da Democracia.

Arriaga foi paradigma de um aristocrata-democrata. Apostolizou pela eloquência, a mais fulgurante e pura, o advento da nossa regeneração política. Escolheu-o a República, constitucionalmente, para seu Chefe.

Rememorando a distinta pléiade democrática que o acompanhou nos largos domínios do Ideal, comovo-me com o remate doloroso que fez baquear o atleta da Democracia, envolto na desolação e na mágoa do seu idealismo ferido.

A edilidade vimaranense, que atirou o seu retrato para o limbo, não sabe quanto se reduziu, politicamente, na prática de tão feio acto.

Vejamos Anselmo Braancamp Freire, de nobre estirpe fidalga. Em 1907 enfileira nas hostes da República. Serviu-a com o seu talento de historiador. Nos punhos de renda da sua prosa, adivinha-se-lhe a ascendência, a linhagem.

E os aristocratas-democratas, prosseguem.

Aqui mesmo em nossa terra, é Martins Sarmento que nos ensina e mostra, como um aristocrata culto, pode desdobrar-se em democrata puro.

Teve este excelso vimaranense costela de fidalgo. Nobre de costado e cota de armas. Não obstante estes pergaminhos originários, Martins Sarmento foi um democrata. Exerceu uma popularidade apagada, mas não retraída. Estimava o povo. Pela génese dos seus próprios trabalhos e investigações de etnografia, de arqueologia, ofereceu vivo testemunho de quanto estruturalmente foi um democrata.

Estudar as origens, é amar o povo.

Saindo para fora do âmbito nacional, quantos, quantos exemplos brilham na História, a demonstrar-nos — que a mística social da Democracia é, tantas vezes, fulcro de atracção, chamando a si aristocratas.

Aristocratas pelo nascimento, pela educação, podem medrar, enxertados em democratas.

Quão longe eu iria para o demonstrar!

Pedro Krapotkine, Príncipe, Leão Tolstoi, Conde, dois russianos portadores de credos revolucionários algo divergentes, nem por isso deixaram de servir o povo. Aqueceram-se à chama viva da fé democrática.

Renúncia, abdicação, conversão? Como queiram.

Caso é que há aristocratas-democratas.

Tanto como eu, ou melhor, o sabe o distinto articulista M.

A. L. DE CARVALHO.

(1) Alusão a César Augusto, Imperador romano, autocrata.

A GRAVE CRISE DOS VINHOS

Agrava-se de dia a dia a situação dos viticultores. As adegas continuam cheias com o produto da última colheita. O comprador não aparece e quando aparece, faz ofertas de preços tão baixos que escandaliza o produtor. Entretanto o consumidor sente-se afectado porque compra caro o vinho que por sua vez é adquirido por baixo preço. Reina e medra nestas circunstâncias o intermediário, sanguessuga inpenitente que tem a sua parte de culpa na grave situação que atravessa actualmente a viticultura e a lavoura. Ao ligarmos a viticultura e a lavoura na crise que se sofre, não o podemos deixar de fazer, pois que, entre nós, as suas culturas não se destrinçam. O lavrador minhoto tanto semeia o campo como planta a videira; tanto ceifa como vindima. Não há portanto duas culturas distintas como noutras regiões do país. Do resultado destas culturas sai o rendimento geral da propriedade, da qual vive o rendeiro e o proprietário.

Dito isto para conveniente elucidação vamos prosseguir ao encontro da restante culpa que além do intermediário contribui para esta grave situação.

Não é recente a origem desta situação. No decénio seguinte ao fim da primeira Grande Guerra, iniciou-se a construção em grande escala de ramadas e vinhas, com largo plantio de videiras que se estenderam por terrenos de cultivo, aonde predominava o produtor directo americano de grande rendimento e mais resistente às enfermidades que atacam as videiras de origem nacional. Assim se foi aumentando a produção do vinho o que originou medidas repressivas para evitar as consequências funestas duma super produção. Proibiu-se o produtor directo, contrariou-se a extensão das ramadas e vinhas aos terrenos de cultura. Mas mal findou a segunda Grande Guerra a mesma loucura da anterior apareceu, quiçá agravada pelas facilidades pecuniárias de que esta segunda conflagração foi pródiga em excesso, — porque até o dinheiro em demasia é erro —, permitindo a aquisição de propriedades a altíssimos preços, embora, o seu rendimento, fosse irrisòriamente baixo. O logro dessas compras transformou em breve num desejo de aumentar esse rendimento, daí provindo a doida construção de vinhas e ramadas e o plantio desmesurado de videiras. Nem as penas restritivas, nem as disposições de cingimento às bordaduras dos campos, foram suficientes para evitar esse frenesi de construção que se desenvolveu e contagiou, invadindo terrenos de cultura, derrubando renques de arvoredo, dividindo e sub-dividindo agras em leiras, transformando a bela e frondosa paisagem minhota num gradeamento de ferro e arame.

A produção fatalmente tinha de aumentar e mal surge um ano propício o viticultor vê-se a braços com dificuldades sem nome, para conseguir vender o vinho que produziu. Vê baixar os seus rendimentos, pela implacável especulação do intermediário, qual abutre à espera da sua vítima, e tem de suportar um custo de vida caro, com meios que foram por estas circunstâncias reduzidos a metade. A par de uma crise industrial e comercial, outra surge, mais agravando as dificuldades existentes.

Todavia, longe estamos ainda da produção total dessas léguas e léguas de ramadas que nos últimos anos se construiram, porque, no dia em que atingirem a plenitude do seu desenvolvimento, só talvez com um decreto instituindo a embriaguez obrigatória se possa dar escoamento à produção alcançada. Será a fartura que trás a miséria, paradoxo de consequências fatais, mas concebível, quando o equilíbrio se desmorona pela ambição e pelo egoismo. Ter muito, ter um ou mil vezes um milhão, demonstrar grandezas, sem o mais leve rebate de consciência, sem procurar saber que essas grandezas são oriundas da míngua de muitos e pode transformar em fome e penúria o que era o remédio de tantos.

E' porisso que os viticultores se reunem, procurando soluções eficazes para a crise que se atravessa. Em 18 do mês findo, reuniram-se, em Coimbra, os representantes das regiões viti-vinícolas do País, para tratarem do excesso do plantio de videiras e sugerirem as medidas a tomar.

Como pequeno viticultor e contribuinte, vou dizer da minha justiça o que entendo por medidas a providenciar:

1.º — Proibição por 10 anos da construção de ramadas, lateiros e vinhas;

2.º — Recuperação dos terrenos de cultura ocupados por vinhas, ramadas e lateiros, para sementeira de cereais;

3.º — Corte total do produtor directo americano que, embora fora da lei, ainda existe;

4.º — Restrição dos viveiros que fornecem videiras para o plantio;

5.º — Proibição da entrada de vinhos estranhos sem primeiro ser consumida a produção dos respectivos concelhos;

6.º — Fiscalização intensa à genuidade e pureza dos vinhos postos à venda e extensa às adegas dos viticultores;

7.º — Fiscalização das quantidades manifestadas;

8.º — Medidas severíssimas contra os adulteradores e mixordeiros;

9.º — Criação de Adegas Corporativas.

O mal é grande e para o debelar, só grandes remédios, e não esqueçamos que, em igual emergência, o Marquês de Pombal não tergiversou em tomar medidas radicais, salvando assim o futuro da viticultura nacional.

Um Viticultor.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 12, o nosso bom amigo sr. José Francisco da Silva; no dia 13, o nosso bom amigo e solícito correspondente em Vizela, sr. José Luís de Almeida e a menina Carmen Fernanda Ferreira Barbosa de Oliveira, filhinha da sr.ª D. Carmen Fernanda Ferreira de Oliveira e do sr. João de Freitas Barbosa de Oliveira; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. dr. Adelino Ribeiro Jorge, António Pimenta Júnior e Luís Pimenta; no dia 15, as sr.as D. Rosa Machado de Sousa Guise, esposa do nosso bom amigo sr. João Pedro de Sousa Guise, residente no Rio de Janeiro, D. Maria do Carmo Rodrigues de Almeida e D. Beatriz das Dores Carvalho e Costa e os nossos prezados amigos srs. Domingos Mendes Fernandes e eng.º António José Carneiro de Quadros Flores; a sr.ª D. Beatriz da Costa Carvalho, filha do nosso amigo sr. Manuel Pinto de Carvalho, e o menino Francisco António, filho do nosso bom amigo sr. Altino da Cunha Guimarães; no dia 17, as sr.as dr.ª D. Edwiges Machado e D. Amélia Soares Moreira; o nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes e o menino José Joaquim Moreira Figueiredo, filho do nosso bom amigo sr. António Moreira Sampaio; no dia 18, os nossos bons amigos srs. sargento Júlio Mendes, Miguel Teixeira e Américo Carlos Simões, e as sr.as D. Ana Maria de Miranda, esposa do nosso amigo sr. José Miranda Júnior e D. Maria Alice Machado Pinheiro de Almeida Ferreira, esposa do nosso bom amigo sr. Benjamim de Almeida Ferreira.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

CASAMENTO

No domingo e na paroquial de S. Tiago de Candoso, consorciaram-se a hábil modista sr.ª D. Maria Isabel Fernandes Guimarães e o conceituado comerciante sr. Francisco da Silva Correia, tendo testemunhado o acto, por parte da noiva, seu cunhado o sr. Amadeu José de Carvalho e esposa, e por parte do noivo, sua cunhada a sr.ª D. Lina da Silva Leite Fernandes Guimarães e o sr. dr. Egídio dos Santos, residentes no Porto.

Foi celebrante o rev. P.e Luís Gonzaga da Fonseca, pároco da noiva, tendo resado a missa o rev. P.e Ernesto Silvério da Conceição Ferreira.

Desejamos ao novo casal as maiores felicidades.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso bom amigo sr. Francisco Belino Pereira Mendes. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

Partiu para Melgaço, a fazer a sua habitual cura de águas, o nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Com sua esposa tem estado na Póvoa de Varzim, de onde seguirá para a sua Casa das Pedras Salgadas, o nosso querido amigo e ilustre economista e escritor sr. dr. Nuno Simões.

— A uso de águas encontram-se na Curia os nossos prezados amigos srs. António José Pereira Rodrigues e Antero H. da Silva.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. Manuel da Silva e Manuel Lopes.

— Esteve entre nós, em regresso de viagem aos Açores, o nosso bom amigo sr. Herculano José Fernandes.

— Regressou de Freixo de Espada à Cinta, da Casa de seus tios, à residência de seus pais em Requião (Famalicão), a gentil menina Maria Alcina Machado.

— Esteve entre nós no domingo, o nosso prezado amigo sr. P.e Alexandrino Brochado, capelão da Capela das Almas de Santa Catarina, do Porto.

— Partiu para as suas propriedades de Santo Estêvão de Briteiros, o nosso querido amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira.

— Estão a veranear na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos srs. dr. Manuel Francisco Pinto dos Santos, dr. Alberto Rodrigues Milhão e João Alves da Silva Lobo.

— Partiram para Vichy os nossos prezados amigos srs. Fernando Lage Jordão e sua esposa, Augusto Pinto Lisboa e Joaquim de Sousa Oliveira.

— Com sua esposa partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. José Maria Félix Pereira.

— De Vila do Conde partiu para Braga o nosso bom amigo sr. Carlos Gonçalves da Silva.

— Com sua esposa encontra-se a veranear em Caldelas, o nosso bom amigo sr. António Ribeiro da Silva Xavier.

— Com sua esposa encontra-se a veranear em Briteiros, o nosso bom amigo sr. Reinaldo Ribeiro.

— Encontra-se em Coimbra, a passar uma temporada, a sr.ª D. Lucinda dos Anjos Pimenta.

Doentes

Para ser submetida a uma melindrosa operação, recolheu ao Hospital Geral de Santo António, do Porto, a menina Emília de Lourdes Machado Pinheiro, filha do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro.

— Tem passado bastante doente a esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Maia.

— Continuam bastante melhor dos seus incómodos os nossos bons amigos srs. dr. Alvaro de Carvalho, José Jacinto Júnior e Jerónimo Sampaio.

— Em consequência de um desastre de automóvel, que lhe motivou alguns ferimentos nas pernas, tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Leite.

— Tem continuado a experimentar sensíveis melhoras o nosso amigo sr. António Alves Pinto.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

José Gonçalves

Faleceu, na sua residência à rua de D. João I, o antigo industrial sr. José Gonçalves, casado com a sr.ª D. Albertina de Jesus Fernandes Gonçalves, pai da sr.ª D. Docinda Gonçalves Miranda e sogro do sr. Plácido Pacheco Miranda, tendo-se efectuado o seu funeral na quarta-feira, do templo da Misericórdia para o cemitério Municipal, com numeroso acompanhamento.

Os nossos pêzames à família dorida.

Missa de sufrágio

Amanhã, às 9,30 horas e no templo de S. Dâmaso, será rezada uma missa por alma da sr.ª D. Amélia dos Prazeres de Moura Moniz, mandada rezar por um grupo de associados das Marias dos Sacrários-Calvários.

Vida Musical

Audição das Discípulas de Eurico Tomaz de Lima

Como temos noticiado, é amanhã que se realiza, no Salão de Festas do Teatro Jordão, com o começo marcado para as 22 horas, a 5.ª Audição de algumas discípulas de Eurico Tomás de Lima, para encerramento do ano lectivo de 1953-54, do Curso de Guimarães.

Tomam parte, pela ordem de apresentação, «Mesdemoiselles» Maria Ludovina Marques Rodrigues Gonçalves, Maria Luiz Rodrigues Cardoso, Maria da Assunção de Almeida Freitas, Zeferina Antónia Gonçalves Fernandes, Maria José de Almeida Freitas e Maria de Jesus Rodrigues Laranjeiro.

RECITAL DE PIANO

No Salão de Festas do Teatro Jordão, realizou-se na sexta-feira, como estava anunciado, o recital do compositor e pianista Eurico Thomaz de Lima, que teve assistência selecta.

O programa dividiu-se em três partes, com obras de Schumann, Schubert, Chopin, Chabrier, Barroso Neto, Rubinstein e Thomaz de Lima, tendo o distinto pianista sido alvo, pela sua admirável execução, de merecidos aplausos.

Vida Católica

Festa de Nossa Senhora do Carmo

Está-se celebrando, diàriamente, às 7 horas da tarde, a novena em honra de N. Senhora do Carmo, na igreja desta V. Ordem, como preparação para a festa que se realiza no próximo dia 16, com o seguinte programa:

De manhã, às 7 horas, missa e comunhão geral; às 10 horas, missa solene.

De tarde, às 19 horas, exposição solene do SS.mo Sacramento, com sermão e bênção.

No final, serão admitidos os novos Irmãos, que assim o pedirem até ao dia da festa.

Padroeira da Cidade

A Mesa da Irmandade de N. S.ª da Oliveira iniciou já os seus trabalhos para a festa anual em honra da Padroeira da Cidade, no dia 15 de Agosto, esperando receber a coadjuvação de todos os vimaranenses.

Para Fátima

Os Amigos do Sagrado Coração de Jesus, desta cidade, partiram hoje para Fátima, regressando no dia 14. Entre outras localidades, visitarão Porto, Oliveira de Azeméis, Nossa Senhora de La Salette, Curia, Luso, Bussaco, Coimbra, Leiria, Batalha, Alcobaça, Nazaré e Fátima. Terminadas as cerimónias religiosas, regressam por Leiria, Figueira da Foz, Espinho, Granja e Guimarães.

Pia Associação dos Amigos do S. C. de Jesus

Realiza-se no próximo domingo, dia 18, pelas 7 horas, na igreja de N. S.ª da Oliveira, a reunião mensal desta Associação, constando de missa rezada e comunhão geral.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"
Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

74) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

II

Abra-se, já agora, que estamos com este livro das Ordenações, um novo parêntese em referência a uma notável disposição (a do tít. XLVI) nele contida: sendo informado (o Rei) de que muitas pessoas, homens e mulheres, descendentes ou transversais daqueles, que tomaram alguns casais ou terras, posto que seus herdeiros não queiram ser, que por força vão morar, e povoar essas terras e casais pessoalmente, e se não querem ir, requerem que os prendam, com o que lhes dão muita fadiga e opressão, e os trazem em grandes demandas, «e por ello» muitas mulheres deixam de casar por não acharem quem com elas case, por dizerem que são *ascriticias* e obrigadas a povoarem e morarem as ditas terras e casais, e porque *tal obrigação parece espécie de cativeiro, o qual é contra razão natural*, se determina que nenhuma pessoa seja constrangida a povoar e morar nenhum casal ou terra pessoalmente, por se dizer que é *ascriticia* e que é a tal obrigada por descender de semelhantes pessoas.

O Prof. *Marnoco e Sousa* esclarece: apesar de realizada a transformação da servidão da gleba no colonato voluntário, persistiram ainda vestígios da adscrição»; esses últimos vestígios extinguem-se com esta medida tomada nas Ord. Man. (e que passou para as Filip.); mas há, como observara *Melo Freire*, a distinguir o caso da obrigação tomada por contrato, pois, neste caso, podem os herdeiros ser constrangidos a cumprir o contrato. Obrigação contratual e não sujeição pessoal — ao fazer-se a transformação da servidão da gleba em colonato voluntário, pela imperiosa necessidade de promover a cultura, o mais poderoso e eficaz recurso foi o do aforamento e emprazamento das terras: a matéria fundamental desta parte do nosso estudo nesta lenta e longa Peregrinação.

Mas, voltemos ao caso, a isenção da jugada (não raro fictícia — Lourenço Abril, havendo emprazado dois casais, em um dos quais morava, trazia noutro um *jugueiro* e fazia honra nele —, pois se o lavrador a deixava de pagar ao rei, exigia-lha, em casos e casos, o senhorio mosteiro, o senhorio fidalgo, o senhorio prelado, ou levava-lha em conta para elevar, abatendo-a à despesa tributária do cultivador, em tantos moios a mais no foro ou na renda) e a aliciação fascinosa dos privilégios, E' certo haver maior empenho da parte dos contemplados pelos privilégios em os obter, assegurar e difundir por outras herdades suas ou de apaniguados, do que mesmamente do lavrador em se acolher à sombra protectora deles. Nós vimos, sobretudo nas Inq. de D. Dinis, como o Mosteiro de Santo Tirso se opunha à entrada do Porteiro em toda a freguesia de S. João de Airão, ou D. João Rodrigues de Briteiros ao estender a honra por quatro ou cinco freguesias nelas embargava também a entrada do Porteiro ou do Mordomo, e outros Mosteiros mandavam seus cobradores em vez do receptor régio, ou até como o clérigo Gonçalo Anes «honrra» a casa onde tinha a sua barregã.

Continua.

DESPORTO

Um apelo pela última vez

A Câmara Municipal já marcou o dia do concurso para adjudicação da 1.ª fase das obras para o Estádio prometido ao Vitória. Continua-se assim, por meio de um trabalho metódico, a caminhar para se atingir o fim desejado. Obra de alto interesse para o desenvolvimento do Desporto local, que será digna de ser enaltecida sempre conjuntamente com os nomes que a tornaram possível.

Mas esta obra, por muito ràpidamente que se construa, nunca poderá estar pronta antes de dois anos. E' de tal envergadura que necessita de longo praso para se tornar a desejada realidade. Assim necessita o Vitória, durante esse período de tempo, de continuar a utilizar o seu Campo da Amorosa, ao qual estão ligadas recordações gloriosas para a agremiação. Mas para isso precisa de fazer obras na bancada e nas taipas de vedação que circundam o campo. Por isso apela para os proprietários do Concelho, bons amigos do Vitória e da nossa Terra, para que o auxiliem com o fornecimento de toros de madeira, de modo a que o custo desta construção seja fàcilmente comportado pelos cofres do clube.

Guimarães, por intermédio dos seus filhos, tem dado provas inegualáveis de bairrismo e, por isso, acreditamos sinceramente que vai corresponder a este apelo satisfazendo mais uma vez as necessidades duma agremiação que lhe é muito querida e que também é indiscutivelmente aquela que mais bem alto e mais vezes durante todo o ano apregoa o nome de Guimarães, berço glorioso de Portugal.

Palavra puxa palavra...

PROGRAMA PARA O DEFESO

Terminada a época oficial de futebol, o meio vimaranense aparece-nos sossegado e de quase nula actividade desportiva. Apesar da melhoria, facto evidente, na dispersão da prática do desporto por várias modalidades, verdadeiramente o nosso meio entrou a invernar — embora o fenómeno se passe no Verão — e sòmente lá para Setembro se voltará a agitar e novamente a multidão encherá, a trasbordar, as ruas de acesso à Amorosa.

E' pena que assim seja. Mas isto acontece na generalidade das terras da província, por esse Portugal fora, pois os conceitos reais do Desporto ainda não se encontram totalmente firmados.

Deve este interregno servir, pelo menos, para meditar sobre o que se fez, nos resultados bons ou maus obtidos e tirar deles as ilacções que se puderem para corrigir o mau, tornar óptimo o bom, pois a vida é permanentemente susceptível de aperfeiçoamento.

Não se pode negar que a época de futebol que findou foi das melhores de sempre. A equipa de honra do Vitória passou o Campeonato Nacional tranquilamente, sem os adeptos em sobressalto, atingindo até, em determinados momentos, posições de evidência. Situou-se na classificação final no lugar que mais vezes tem ocupado, a todos os títulos brilhante, podendo-se queixar ainda de certa dose de pouca sorte e até também de outras coisas...

Mas como a vida é renovação constante e nem sempre tudo se repete como fenómeno regular, há necessidade sempre de substituir, quer pela existência de baixas que não se puderam evitar, quer ainda no desejo de se conseguir melhor. Aqueles a quem cabe a responsabilidade de dirigir, têm, neste momento, de ponderar bem os acontecimentos, sem precipitações, para atingir os fins que lògicamente tem em vista. Muitas vezes não é com largos dispêndios, com estrelas de primeira grandeza de nome feito, que se conseguem as melhorias desejadas. Equilíbrio em todos os sectores é que permite no futuro que tudo corra dentro dos mais agradáveis desejos. O futebol, parecendo ciência acessível a toda a gente, muita dela quase sem cultura para discernir sobre o trivial, possibilita a acumulação de erros àqueles mais sugestionáveis e sequentemente com deploráveis consequências futuras. Aguardamos, sinceramente, que os actuais dirigentes locais, com óptimas provas dadas de capacidade, nesta emergência saberão continuar uma Obra a todos os títulos já notável.

Tem para isso influência decisiva a massa associativa do Clube, pois dela depende sempre a grandeza da agremiação. O defeso não quere dizer esquecimento de obrigações que existem depois de assinada a proposta para associado. Nesse acto todos se obrigam a acatar o que está estatuido na lei geral do Clube e o esquecimento de qualquer obrigação é manifesta falta de dedicação de quem tem o dever de cumprir o preceituado. O pagamento das cotas, permanentemente em dia, nunca deve ser descuidado sobre pena de prejuízo para a boa marcha do Clube e é de influência decisiva na sua vida normal. Todos devem ter isto em devida atenção e sòmente depois é que poderão falar...

São estes os primeiros conceitos a desenvolver no aproveitamento destes meses sossegados do defeso, onde os homens, dirigentes e dirigidos, longe da paixão das lutas, fora da influência dos resultados contingentes, podem sossegadamente discernir de modo a tornar cada vez maior uma Obra já a todos os títulos valiosa, mas lògicamente susceptível de atingir ainda maior mérito.

Nós, aqui, desta secção dedicada ao Desporto, estaremos sempre alerta para que o calor da chama não diminua e continue a aquecer o entusiasmo de todos aqueles que se lhe dedicam.

PORTA-VOZ.

Campeonato Regional de Oquei em Patins

Na primeira jornada da 2.ª volta para este campeonato os resultados foram os seguintes:

Académico, 5 — Vitória, 3; Taipas, 3 — Vianense, 6; Gil Vicente, 1 — Tebe, 4; O. Barcelos, 2 — Famalicense, 1.

Rectificamos que o encontro O. de Barcelos-Gil Vicente sempre se chegou a iniciar, mas por abandono do último não terminou, sendo assim atribuida, segundo o regulamento, a vitória por 5-0 ao O. de Barcelos.

Nesta jornada os vimaranenses, mesmo perdendo em Braga, demonstraram o progresso que temos evidenciado, pois apresentando uma equipa com alguns reservistas deram réplica animosa ao seu adversário. Vem a propósito dizer que não se justifica certas faltas de jogadores, pois desde que assinam o compromisso de representar o Clube não podem, de maneira alguma, substituir essa obrigação por outro divertimento por muito agradável que ele seja.

O Vianense triunfando nas Taipas deu mais um passo firme para a conquista do título.

A classificação actual é a seguinte:

Vianense, 23 pontos (49-11); Académico, 18 p. (39-12); Taipas, 18 p. (36-29); Tebe, 16 p. (30-26); Vitória, 15 p. (30-26); O. Barcelos, 14 p. (24-31); Famalicense, 11 p. (16-24); Gil Vicente, 8 p. (5-61).

Para INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS de qualquer género consultem:
J. MONTENEGRO
TUDO PARA ELECTRICIDADE
= ORÇAMENTOS =
Largo 28 de Maio, 78-1.º—Tel. 4510
GUIMARÃES 224

Não sofra mais de
HERNIA
NÃO USE MAIS A SUA FUNDA
que lhe provoca o aumento das hérnias deixando-as escapar sempre que tosse, espirra ou se movimenta.
FAÇA A SUA VIDA NORMAL USANDO A FUNDA
BARRÈRE
DE PARIS
Garantia da contensão perfeita e cómoda das suas hérnias
Aproveite a passagem do Especialista Barrère em:
JULHO — DIA 14
GUIMARÃES — Farmácia Nobel
Para ensaiar gratuitamente os novos modelos
301 Ensaios e catálogos grátis
INSTITUTO BARRÈRE DE PORTUGAL
LISBOA — R. Nova da Trindade, 6, 1.º Tel. 24168

Divagando...

A cidade de Guimarães tem quatro entradas principais, servidas pelas estradas do Porto, Fafe, Braga e Famalicão.

Todas estas estradas têm aqui certa beleza, umas pela situação dominante sobre o aspecto panorâmico, quase total, do velho burgo Afonsino, como a do Porto ao chegar ao Minhoto — assim como também o caminho de ferro neste mesmo lugar — e a de Fafe já desde a Cruz d'Argola. A de Braga e a de Famalicão, situadas num plano bastante mais inferior, têm por excelência, em pano de fundo, que se divisa a quilómetros de distância, o cenário da encantadora Penha, particular este um tanto peculiar também às duas outras estradas.

Depois, todas elas se lançam na cidade em entradas airosas, que, portanto, impressionam bem, e de certo modo a quem nos visita. E digo de certo modo, em vez de uma maneira geral, devido, principalmente, ao aspecto desairoso daquelas Obras do Município emperradas, mais à existência daquela diabólica curva do Castanheiro, de onde parte ainda a arruinada estrada da Cruz de Pedra e por onde se costuma descongestionar o trânsito na ocasião de festas na Cidade.

E já que falamos na curva do Castanheiro, sugere-nos uma ideia — à falta de melhor, é claro: não seria viável suavizá-la e livrá-la da passagem de nível, abrindo-se, por exemplo, um pequeno troço de estrada desde o Minhoto, sob a linha férrea a sair em curva larga e suave em frente à fábrica do Castanheiro? — Pelo menos, deste modo, teríamos uma resolução fácil e de dúpla conveniência: evitar uma curva que tantos desastres tem motivado e acabar com uma das várias passagens de nível que rodeiam a cidade.

Estas são das tais coisas que têm o destino marcado — desaparecerem. Falta, porém, que surja a hora, e tanto melhor, quanto mais cedo ela bater.

— E então, muito mais airosas e lindas serão ainda as entradas da Cidade.

*

Um pensamento:

Há desabafos indelicados que, por vezes, redondam, aliás, no melhor elogio em favor da pessoa ou daquilo que se pretende amesquinhar, por virem provar, muito embora nefasta e covardemente, o efeito pretendido.

ALEX.

EDOLACA
ESMALTE GORDO E SINTÉTICO PARA INTERIOR
38 CORES 175
Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira
Depositários: João Garcia & C.a, L.da
GUIMARÃES
MÁRIO COSTA & C.A, L.DA
PORTO — Rua do Almada, 30-1.º Telef. 23371
LISBOA — Rua Ferregial de Baixo, 31-1.º Telefone 2 4343

Agentes Transitários e Camionistas
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.
JOSÉ DE MELLO & C.A
Casa fundada em 1828
ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO
com Armazém de Retem e Depósitos
(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)
EM MATOSINHOS: 12
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FIBRA ARTIFICIAL
PHRIX
8
Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.A, L.DA
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404} PORTO

Notícias de Guimarães n.º 1174 — 11-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo de Direito desta comarca de Guimarães correm éditos de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio num dos jornais desta cidade, citando os credores desconhecidos dos executados Tomaz Ribeiro e mulher Camila da Silva, ele operário e ela doméstica, moradores no lugar da Mógada, freguesia de Ronfe, para no prazo de 10 dias depois de findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra os ditos Tomaz Ribeiro e mulher move António Pereira Machado, casado, proprietário, do lugar de Cartas, da mesma freguesia de Ronfe.

Guimarães, 21 de Junho de 1954.

O Juíz de Direito, 296

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe de secção,

Albino Leite da Silva.

CASA ESTRELA
SAPATARIA
Rua de S. Dâmaso, 121-123
Junto à Marisqueira) 185
Consertos e limpesas de calçado
Calçado novo e por medida
Mande consertar calçado nesta Casa.

Notícias de Guimarães n.º 1174 — 11-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Primeiro Juízo da Comarca de Guimarães e Primeira Secção da respectiva Secretaria, nos autos de acção sumária — em execução de sentença que Manuel Alves, casado, negociante, morador no lugar de Real, freguesia de Santo Estêvão de Briteiros, desta comarca, move contra DOMINGOS FRANCISCO DA SILVA e mulher AURORA TEIXEIRA DA SILVA, ele construtor civil e ela doméstica, moradores na Rua Trajano Augusto, freguesia de São Tomé de Caldelas, também desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de DEZ DIAS posteriores ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na aludida execução.

Guimarães, 3 de Julho de 1954.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, do 1.º Juízo, 302

Adriano Filipe Afonso.

O chefe da secção,

Alberto Fernandes Carreira.

BRIQUETES PEJÃO
INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —
A Competidora de Representações, L.da
R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES 299

Notícias de Guimarães n.º 1174 — 11-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 24 de Julho corrente, por 11 horas no tribunal judicial desta comarca, por virtude do ordenado nos autos de execução de sentença que Alberto Oliveira & Faria, Limitada, sociedade comercial por cotas, com sede nesta cidade, move contra António Teixeira Mendes Guimarães, casado, proprietário, da rua Gil Vicente, desta mesma cidade, tem de proceder-se a arrematação em hasta pública para serem entregues a quem mais oferecer acima do valor porque postos em praça, do seguinte:

O direito e acção a uma oitava parte de uma morada de casas construída de pedra, de um andar para a frente e dois para as traseiras, com quintal, sita, com os números de polícia 67 a 77, na rua de Gil Vicente, freguesia de S. Paio, desta cidade, descrita na conservatória sob N.º 22960 e inscrita na matriz predial urbana no artigo 170. Entra em praça o referido direito e acção no valor de 12.636$00.

O direito e acção a cinco sessenta e quatro avos de uma morada de casas, com quintal, de um andar, sita, com os números de polícia 59 a 65, na referida rua Gil Vicente e freguesia de S. Paio desta cidade, descrita na conservatória sob N.º 22961 e inscrita na respectiva matriz predial urbana no artigo 169. Entra em praça o referido direito e acção no valor de 9.000$00.

São comproprietários nos aludidos prédios, D. Maria das Dores Fernandes Mendes, solteira, D. Luísa Cândida Lemos de Almeida, viúva, D. Maria Fernanda Almeida Mendes, solteira, maior, desta cidade, D. Palmira Edelmina da Silva Mendes, viúva e Francisco Guimarães e esposa D. Maria Rio Mendes Guimarães, da cidade do Porto.

Guimarães, 8 de Julho de 1954.

Verifiquei a exactidão.

O Juíz de Direito, 304

Adriano Filipe Afonso.

O Chefe da 1.ª secção

Alberto Fernandes Carreira.

Anuncial no Notícias de Guimarães

«CARI»
Casimiro Ribeiro
Obras Públicas e Edificações Gerais
TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI
60

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS
Em INSTALAÇÕES de
AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.
REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.
RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.
São garantidos todos os serviços por esta casa executados.
Ribeiro de Oliveira & Mendes
LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 43 — TEL. 4689
GUIMARÃES
225

Convocação

A Comissão de Credores da Firma Oliveira Diniz & Irmãos, L.ª, que teve a sua sede em Ronfe — concelho de Guimarães, convoca os credores conhecidos e desconhecidos da referida Firma para uma reunião a realizar no próximo dia 15 do corrente mês de Julho, pelas 15 horas, no edifício da Casa do Povo da freguesia de Ronfe.

Nesta reunião serão apresentadas as contas da liquidação levada a efeito pela Comissão.

303 *A Comissão.*

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

OFERTAS E PROCURAS

Vende-se Fábrica de Tecidos mecânica com 25 Teares de diversas medidas, máquinas acessórias, tinturaria e Alvará. Tratar na Agência GOMES ALVES — Largo do Toural — Guimarães. 285

VENDE-SE Na Póvoa de Varzim, prédio devoluto com 3 frentes e garagem, Rua Santos Minho, 14 e Rua Luís de Camões, 17, com todos os requisitos modernos, próprios para dois inquilinos, com entradas independentes.
Falar, Rua José Malgueira, 27. 290

CASA COM QUINTAL Aluga-se na rua da Liberdade, tendo bastantes divisões, quarto de banho e água própria. Prestam-se esclarecimentos na redacção. 295